



## **As Forças Armadas Brasileiras Pós-Revolução de 31 de Março de 1964\***

**Luiz Fernando Walther de Almeida\*\***

*Resumo de monografia apresentada, pelo autor, como exigência curricular para a obtenção do diploma do Curso de Altos Estudos Militares.*

*Partindo das noções de carreira e profissão militares, analisa as mudanças ocorridas nas Forças Armadas brasileiras, após a Revolução de 31 de março de 1964, e os principais reflexos causados no perfil dos chefes e líderes militares.*

**A**s Forças Armadas promoveram ou participaram, ao longo da História do Brasil, de várias intervenções no processo da evolução política e social do País.

A espada do Brasil foi sempre curta em relação ao tamanho do País. Esse fato

decorreu de aspectos ligados às noções de carreira e profissão militares e das relações entre as Forças Armadas e a sociedade brasileira.

Exércitos não se voltam contra a Pátria, mas podem fazê-lo, simultaneamente ou não, contra a sociedade, o governo ou a si próprios. A existência de bons chefes e líderes militares é fundamental para a prevenção oportuna ou a condução menos traumática desses acontecimentos.

---

\*\* Major do Exército.

---

\* Selecionado pelo PADECEME.

Quando as Forças Armadas brasileiras desacatarem a legalidade constitucional do País, o fizeram porque algo de errado havia consigo próprias e com a sociedade como um todo.

## CARREIRA E PROFISSÃO MILITARES

As noções de carreira e profissão militares são, freqüentemente, tratadas como se fossem a mesma coisa. Mas não são.

A profissão militar é única e universal. Surgiu da necessidade de os povos manterem homens permanentemente preparados para a guerra. Sua evolução variou de acordo com as mutações da humanidade e das sociedades. Assim... "A lei cristã mudou uma vez os hábitos selvagens da guerra."<sup>1</sup>

O sentido da palavra profissão deriva de proclamação. Soldados proclamam lutar e, se preciso for, morrer pela pátria.

*"A profissão militar trata de assuntos que envolvem seres humanos e sacrifícios supremos de indivíduos e nações. Este poder que lhe é outorgado legalmente conduz o militar a valorizar certos princípios que lhe são imprescindíveis, como responsabilidade, lealdade, disciplina, integridade e coragem, dentre outros."*<sup>2</sup>

As coisas da profissão militar não pertencem ao plano material. Por isso: "o homem assoldado, o soldado, é um pobre glorioso, vítima e algoz, bode expiatório diariamente sacrificado a seu povo e para o

*seu povo, que o escarnece; é um mártir ao mesmo tempo feroz e humilde"*.<sup>3</sup>

Diferentemente da profissão, não existe apenas uma carreira militar mas sim várias e surgiram com a criação das Instituições Militares permanentes. A evolução das carreiras acompanhou as necessidades dessas Instituições face à evolução da arte da guerra.

Cada carreira militar propicia um caminho a ser seguido. Define a vida militar desde o ingresso, passando pelo aprimoramento, até a inatividade.

Tradicionalmente, as Instituições Militares adotam dois ramos básicos, definidores dos níveis hierárquicos de chefia e liderança que serão exercidos pelo profissional militar — são as carreiras de praças e de oficiais. Dentro de cada uma existem outras ramificações, que dizem respeito às especialidades ligadas às atividades-fim ou às atividades-meio.

Embora as noções de carreira e profissão militares sejam diferentes, guardam, entretanto, íntima relação de interdependência. A carreira está para o corpo assim como a profissão está para a alma.

A vocação (pendor, talento e aptidão) é condição essencial para um bom profissional militar. Ela independe de eventuais atrativos materiais.

A necessidade compulsiva para uma determinada carreira militar. Quando prevalece a necessidade material, a profissão militar torna-se um fardo pesado.

A oportunidade (acomodação) oferece uma carreira militar onde a profissão não passa de uma farsa individual.

1. VIGNY, Alfred de. *Servidão e Grandeza Militares*, p. 16.

2. LIDERANÇA MILITAR, IP 20-10 - IME.

3. VIGNY, Alfred de. *Servidão e Grandeza Militares*, p. 32.

A vocação deve ser dirigida para a profissão. A "vocação" para a carreira, motivada pela oportunidade, produz um ser "de alma feminina num corpo masculino" ou vice-versa. Pessoas que ingressaram nas Instituições Militares apenas por uma "bela carreira" o máximo que conseguiram pode ser comparado a um gigante de pés-de-barro.

Os valores da profissão militar podem ser avaliados mas não são palpáveis e, por isso mesmo, não podem ser retirados ou subtraídos por outrem. Ao contrário, as conquistas das carreiras, embora dependam do esforço individual, são plenamente materializadas e concedidas através do aval dos chefes militares. Podem, por esta razão, ser cassadas ou anuladas. Promoções, funções, cargos, movimentações, nomeações e medalhas, são exemplos de conquistas das carreiras militares.

A noção de pátria brasileira foi se formando ao longo dos anos e o espírito militar nacional teve seu primeiro registro histórico, no dia 23 de maio de 1645, quando 18 líderes, insurretos contra a invasão holandesa em Pernambuco, firmaram o seguinte compromisso: "*Nós abaixo assinados nos conjuramos e prometemos em serviço da liberdade, não faltar o todo tempo que for necessário, com toda ajuda de fazendeiros e de pessoas, contra qualquer inimigo, em restauração da nossa pátria...*"<sup>4</sup>

A organização institucional do Exército e da Marinha ocorreu dois anos após a Independência.

As lutas internas e externas, que marcaram o século XIX, consolidaram a

unidade territorial brasileira e ofereceram um campo fértil para as atividades militares. Os chefes e líderes da época foram forjados na luta, nos campos-de-batalha, onde os profissionais militares brasileiros mostraram o seu valor combativo.

Naquela época, já existiam planos de carreira para oficiais e praças. O almanaque, denominado livro mestre, previa quatro modalidades de promoção e havia o interstício mínimo de permanência nos diferentes postos e graduações.

Após a Guerra do Paraguai, aumentou a participação de militares da ativa em atividades da política-partidária do 2º Império, iniciando uma dissociação entre carreira e profissão militares. Discórdias e intrigas, estranhas ao espírito de camaradagem da profissão militar, deram mostras quando Caxias, pelo Partido Conservador e Osório pelo Partido Liberal, disputaram cargos eletivos, conforme atestam as biografias de cada um.

Findos os conflitos externos e com a nação pacificada, as Forças Armadas, profissionalizadas, não puderam absorver o elevado contingente herdado das guerras. Os soldados, em grande parte negros alforriados, retornaram à vida civil desamparados e sem condições sociais. Muitos deles não quiseram retornar às plantações e aos engenhos, preferindo refúgio nos morros da capital imperial. Foi a fundação das primeiras favelas e o início do fim da escravatura e do próprio Império.

A derrubada do regime monárquico, pelos militares, foi consequência direta do

4. História do Exército Brasileiro - Vol. 1, p. 172.

processo degenerativo instalado nas Forças Armadas, através de reduções drásticas nos orçamentos e no pagamento do pessoal.

Os governos militares da Velha República melhoraram as condições materiais e sócio-econômicas das Instituições Militares. Contudo, ligaram-nas fortemente com as intrigas dos poderes políticos e econômicos da sociedade.

No início deste século, era muito forte a influência do positivismo. As idéias humanistas e pacifistas prejudicaram a formação profissional dos quadros, tanto de praças quanto de oficiais, que desenvolveram uma mentalidade teórica, excessiva e absurda, chegando ao ponto de formar sargentos, no Realengo, em curso de 4 anos de duração.

Contra tal estado de espírito profissional, surgiram, no âmbito do Exército, movimentos renovadores da instrução militar. Oficiais foram enviados para a Alemanha, os "jovens turcos" e trouxeram um novo ânimo para a instrução nos quartéis. Na mesma época, um grupo de oficiais selecionados pelo critério do profissionalismo foi destacado para a Escola Militar com a mesma finalidade. Ficou conhecida como "Missão Indígena".<sup>5</sup>

Entretanto, foi o Tenentismo, movimento iniciado na década de 20, que mais provocou distorções nas carreiras militares. Ele propiciou que uma parcela significativa de oficiais se afastasse das atividades castrenses para exercer cargos estranhos de natureza não militar.

No Brasil, as carreiras se dissociaram da profissão quando os militares exerceram atividades paralelas durante o serviço ativo.

***"A derrubada do regime monárquico, pelos militares, foi consequência direta do processo degenerativo instalado nas Forças Armadas, através de reduções drásticas nos orçamentos e no pagamento do pessoal."***

Os principais fatores que provocaram tais desvios profissionais foram: a baixa remuneração, a obsolescência do material bélico e a participação na política partidária.

## AS RELAÇÕES FORÇAS ARMADAS-SOCIEDADE

O estudo das relações entre as Forças Armadas e a sociedade brasileira demandaria por si só um vasto trabalho. Contudo, a compreensão de alguns aspectos ocorridos nessa relação, ao longo da História do Brasil, conduzirá a importantes reflexões ligadas ao tema proposto.

A obra do pesquisador Robert A. Hayes denominada *Nação Armada — a Mística Militar Brasileira*, editada pela Biblioteca do Exército, trata do assunto com muita propriedade.

As relações entre as Forças Armadas e a sociedade brasileira contribuíram para que os fatores de dissociação entre carreiras e profissão militares atuassem com maior intensidade.

5. SENA, Davis R. de. *A Defesa Nacional* nº 723, p. 723, págs. 13-128.

As carreiras não eram atrativas e a profissão não era valorizada. Mesmo assim, não há dúvida que as Instituições Militares atuaram como um importante elo de ligação entre a grande massa populacional socialmente desprezada e a elite distante e isolada. E mais, a imensa base territorial, com incontáveis contrastes de toda ordem, foi mantida coesa pela atuação do segmento militar.

A ideologia marxista afastou os militares de uma maior identificação com os movimentos populares. Não fosse ela, a repulsa da elite em relação aos militares talvez tivesse tido outras conseqüências.

Finalmente, ficou claro que a função de "Poder Moderador", exercida pelas Forças Armadas, não foi uma mera opção mas uma necessidade, o que explica, em parte, o motivo de tantas intervenções da cúpula militar no processo político do Brasil. O cenário da situação, vivida pelo país e pelas Forças Armadas, no início dos anos 60, facilitará a compreensão das mudanças ocorridas após 1964.

## O CENÁRIO DA ÉPOCA

As Forças Armadas, nos anos que antecederam à Revolução de 31 de março de 1964, passaram por graves crises de toda ordem, resultantes da própria situação do País.

O mundo assistia ao agravamento das relações leste-oeste no auge da chamada Guerra Fria. O Brasil, pela sua importância geoestratégica e pelo alinhamento político

com os Estados Unidos, era um dos alvos principais do Movimento Comunista Internacional.

A revolução cubana anunciava a proximidade de sérias ameaças à manutenção da ordem vigente. Ao mesmo tempo, as lembranças da Intentona Comunista e da campanha da Segunda Guerra Mundial contra regimes totalitários estavam bem vivas no segmento militar brasileiro.

Havia sinais evidentes de que a subversão estava em curso dentro das Forças Armadas, especialmente entre as praças. A revolta de marinheiros e fuzileiros navais aumentou os temores, por parte da oficialidade, de que o Presidente João Goulart se preparava para empregá-los com o objetivo de "esmagar o quadro de oficiais",<sup>6</sup> como havia prometido em seu discurso na China, em 1961. A revolta começou quando o Ministro da Marinha tentou punir um marinheiro que estava pretendendo organizar uma "Associação de Marinheiros" com fins políticos. O Ministro admoestou o Almirante Cândido Aragão (Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais e um dos "Generais do Povo") por promover agitação entre as praças. Houve uma greve de marinheiros e fuzileiros navais e o Presidente, inabilmente, decidiu substituir o Ministro da Marinha por um outro, de uma lista que lhe foi apresentada pelas líderes da CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores).

Os princípios básicos que regem as Instituições Militares, baseados na hierarquia e disciplina, estavam estremecidos.

Não era só a questão da legalidade ou legitimidade que inquietava os chefes milita-

6. HANES, Robert Ames. *A Nação Armada*, pág. 213.

res, mas a própria autopreservação das Instituições Militares.

Numa escalada desenfreada, nas eleições de outubro de 1962, foram eleitos inúmeros sargentos, o que contrariava a Lei Eleitoral vigente. Como conseqüência, seis mil soldados, cabos e sargentos realizaram, em São Paulo, uma passeata pública pela posse dos eleitos. No prosseguimento, em 12 de setembro de 1963, sargentos da Marinha e da Força Aérea rebelaram-se contra a decisão do Supremo Tribunal Federal que denegara a elegibilidade dos graduados.<sup>7</sup>

A tentativa de sindicalização das praças e os desvios da atividade técnico-profissional para a político-partidária desfiguravam a carreira e enfraqueciam a profissão. A coesão dentro das Forças Armadas estava ameaçada.

No campo administrativo, as dificuldades decorrentes da transferência dos principais órgãos do Governo para Brasília eram muito grandes. Não havia centralização e fiscalização adequadas. Desta forma, os administradores gozavam de relativa autonomia, o que permitia aos comandantes gerar recursos financeiros e de subsistência, que atenuavam a carência de verbas orçamentárias. A flexibilidade permitia aos bons administradores exercerem bons comandos de tropa.

No campo psicossocial, cabe ressaltar que o padrão sócio-econômico dos militares estava muito baixo. Convém refletir se as praças não buscaram a sindicalização pela omissão ou incapacidade dos altos chefes militares, no atendimento das mínimas condições de vida digna.

Naquela época, era grande o número de oficiais e praças que trabalhavam em atividades paralelas para complementar seus baixos salários.

O material bélico, incluídos navios e aviões, era ultrapassado e a produção nacional inexpressiva, gerando grande dependência de importação.

As questões dos baixos salários e da obsolescência do material bélico, por si só, não iriam além de dissociar as carreiras da profissão. Contudo, a iminência de uma subversão política, numa magnitude que comprometia as Instituições Nacionais e a própria democracia, forçou a intervenção militar no Governo para pôr fim àquele estado de desordem.

Naqueles dias difíceis que a Nação Brasileira vivia, existiam muitos chefes militares que poderiam liderar o movimento revolucionário, já que a autoridade legal do Presidente e seus Ministros militares fora ultrapassada pelos acontecimentos.

*"O melhor auxiliar que a disciplina pode encontrar é o perigo. Quando todos estão expostos, cada um se cala e se agarra ao primeiro homem que dá uma ordem ou um exemplo salutar."<sup>8</sup>*

O chefe militar escolhido pelos seus pares para liderar o governo revolucionário foi o General Castello Branco: *"Não foi um estrategista de gabinete, nem um gênio de inspiração napoleônica, mas um homem comum, devotado à sua profissão, que a força de caráter fez subir, lentamente, pacientemente, estoicamente, suando, pensando, aperfeiçoando e aperfeiçoando-se na auto-superação ao longo da vida toda."<sup>9</sup>*

7. *História do Exército Brasileiro* - 3º Vol., pág. 982.

8. VIGNY, Alfred de. *Servidão e Grandeza Militares*, pág. 34.

9. Pequena Memória de um Grande Homem - *A Defesa Nacional*; janeiro/fevereiro de 1979, pág. 162.

Felizmente, não houve confrontos armados e o sangue dos brasileiros foi poupado, graças à desambiguação política dos principais chefes militares, já que: "*O Exército é cego e mudo. Do lugar onde o põem, golpeia a sua frente.*"<sup>10</sup>

Contudo, mudanças teriam que ser feitas, inclusive nas próprias Forças Armadas, trazendo reflexos na chefia e liderança militares.

## CHEFIA E LIDERANÇA MILITARES-

As mudanças ocorridas nas Forças Armadas, após a Revolução de 31 de março de 1964, influenciaram diretamente no perfil dos chefes e líderes militares brasileiros, nos diversos níveis hierárquicos e de diferentes formas.

Não existe, na prática, uma liderança puramente autocrática, democrática ou delegativa. O mais comum de se observar nas Instituições Militares é a simbiose desses três tipos de liderança com predominância de uma ou outra.

Até a Segunda Guerra Mundial, o Exército seguia a orientação da Missão Militar Francesa, cujos princípios de chefia e liderança eram absolutamente distintos. O chefe militar não precisava ser necessariamente um líder, nem necessitava demonstrar ser capaz de executar, como exemplo a ser seguido, as tarefas dos subordinados. O exercício da chefia provinha de uma inspiração quase que divina.

Tal influência, que remonta ao tempo da Escola Militar do Realengo, foi predominantemente autocrática e pode ser observada, nos dias atuais, com menor intensidade.

Após a Segunda Grande Guerra, a influência norte-americana começou a atuar na mentalidade dos chefes militares brasileiros. Desta forma, a liderança passou a ser fundamentada no exemplo pessoal do chefe e acentuadamente mais participativa.

A geração de chefes militares que conduziu a Revolução de 31 de março de 1964 e os governos militares foi formada na Escola Militar do Realengo. Contudo, sofreu a influência da concepção norte-americana de liderança democrática.

As mudanças ocorridas nas Forças Armadas foram, também, produto desse período de transição na liderança militar.

## AS MUDANÇAS OCORRIDAS NAS FORÇAS ARMADAS

A Revolução de 31 de março de 1964 foi uma consequência e não uma iniciativa. O processo evolutivo do Brasil em todos os campos do poder encontrou, naquela época, uma das suas maiores crises, conforme foi visto no cenário anteriormente descrito.

As relações entre as Forças Armadas e a sociedade, mais o cenário da época, explicam a inevitabilidade da Revolução.

Os chefes militares da época, especialmente o General Castello Branco, tiveram perfeito entendimento do momento histórico. Através da Revolução, pretenderam

10. VIGNY, Alfred de. *Servidão e Grandeza Militares*, pág. 34.

erradicar definitivamente os males nacionais, que teimavam em obstruir o pleno desenvolvimento do País.

Naquele contexto, as Forças Armadas precisavam também de mudanças e, a seguir, serão analisados os principais fatos que, ligados às noções de carreira e profissão militares, produziram efeitos nas relações com a sociedade e trouxeram reflexos no perfil dos chefes e líderes militares.

## No Campo Psicossocial

As mudanças ocorridas no campo psicossocial das Forças Armadas brasileiras afetaram a alma coletiva das Instituições Militares, com reflexos positivos e negativos na auto-estima individual e coletiva, consciente ou inconsciente, que atingiram chefes, subordinados e a própria "família militar".

## Padrão de vida

Após 1964, o padrão de vida dos militares melhorou bastante, especialmente na década de 70 com o surto de elevado crescimento econômico do País. Mesmo assim, não chegou a se caracterizar uma mudança relativa de nível sócio-econômico, já que a sociedade como um todo gozou do mesmo benefício.

A melhoria da qualidade de vida do segmento militar não decorreu da ação específica da vigência de governos militares.

O culto à pobreza ou o sentimento de que bons salários num país com tanta miséria seria "pecado", que as Forças Armadas eram "um ônus caro para a Nação" e, também a confusão sobre o significado do sacrifício da profissão militar, foram idéias "moralistas"

que mantiveram o padrão de vida no patamar máximo dentro de uma concepção de "exemplo a ser seguido".

Na década de 80, com a crise econômica em expansão, o padrão de vida voltou a cair. Ocorreu que parcela significativa da sociedade em geral e do funcionalismo público em particular não sofreram os mesmos efeitos.

Isso gerou um deslocamento, para baixo, dos militares na escala de poder aquisitivo dentro da sociedade brasileira e criou a figura da "luta pela isonomia salarial" dentro do funcionalismo público e, principalmente, entre os três Poderes.

Os profissionais militares poderiam ser mal remunerados desde que o esforço fosse geral. Mas isso não ocorreu. Assim sendo, um piloto de caça da Força Aérea tinha salário menor do que um motorista da Petrobrás que abastecia aviões na pista, um coronel comandante de batalhão tinha remuneração inferior à do funcionário, caixa de banco, instalado em sua própria Unidade Militar, um tenente da Marinha recebia menos do que um motorista do Poder Legislativo, e outros exemplos mais.

Como consequência, ocorreram atos isolados de indisciplina; ressurgiram os "líderes políticos da classe militar" e, o pior, houve um acentuado descrédito da tropa em relação aos altos chefes militares. A descrença na existência de líderes gerou simpatia das praças para com as entidades sindicalistas de trabalhadores.

## Ressentimentos

A ação revolucionária incidiu mais fortemente sobre a classe política. Com o decorrer do tempo, pela permanência no po-

der e face à contra-revolução emergente, teve de estender sua atuação sobre outros segmentos da sociedade como: imprensa, magistratura, clero, sindicalistas, artistas, intelectuais e líderes classistas.

A repressão política e a censura foram ferramentas empregadas no processo revolucionário entre 1964 e 1979.

No início dos anos 80, com o fim da censura e a concessão da anistia política, os ressentimentos dos segmentos atingidos vieram à tona com uma virulência proporcional ao número de anos da chamada "ditadura militar" — fato previsível, esperado e, até certo ponto, natural.

Dessa forma, os ressentimentos se transformaram em pesadas e constantes críticas às Forças Armadas, diminuindo com o passar dos anos.

Contudo, um segmento social também participou do processo de agressão às Forças Armadas. Foi o da classe empresarial do País. Logo ela, a maior beneficiária do processo revolucionário.

Empresários que se locupletaram e enriqueceram durante a "ditadura militar", como os donos de emissoras de televisão, por exemplo, permitiram, participaram e, em alguns casos, lucraram no ataque às Instituições Militares.

Esse fato gerou ressentimentos na classe militar, e seu tempo de absorção não pode ser medido.

A elite empresarial brasileira mostrou que culturalmente agiu com despreparo. Certamente ignorou ter produzido tão perigoso ressentimento no seio das Instituições que historicamente lhe foram favoráveis.

O futuro poderá ser diferente no gerenciamento de uma eventual crise quanto ao posicionamento das Forças Armadas frente aos interesses conflitantes.

## Opinião pública

Um dos fatores que contribuíram para o desencadeamento do movimento revolucionário, em 1964, foi o apoio de significativa parcela da opinião pública brasileira, especialmente da classe média.

Os governos militares aproveitaram a queda da inflação e o acentuado crescimento da economia para, através de intensa propaganda, ampliar o apoio da opinião pública.

A expressão do pensamento público atingiu o ápice de apoio aos governos militares em 1970, monitorando os órgãos de orientação e formação da opinião pública, através da censura e da contrapropaganda a tudo que lhes fosse contrário.

Contudo, aquele quadro começou a ser revertido, a partir da 2ª metade da década de 70, com a crise econômica, o aumento da inflação, a abertura política e, principalmente, com o fim da censura.

Os dois cenários apresentados produziram efeitos opostos na imagem das Forças Armadas junto à sociedade. Enquanto no primeiro houve apoio e orgulho do povo em relação aos militares, no segundo, restou descrédito e decepção.

O marco divisório entre os dois períodos foi estabelecido pelo episódio do Rio Centro, em 1981, quando a Nação cobrou a apuração de um ato terrorista, que tanto poderia ter sido praticado por membros de organização subversiva como por membros de órgãos de segurança.

Embora as evidências apontassem como autores membros do Exército, o Inquérito Policial Militar e a Justiça Militar concluíram o contrário.

A opinião pública dos anos 80 foi desfavorável às Forças Armadas. Se explicáveis

por um lado, foram injustificáveis por outro, exatamente o dos profissionais militares estritamente voltados às atividades do cotidiano castrense.

As Instituições Militares sofreram pesadas críticas dos órgãos de imprensa, que diminuíram sua virulência com o passar dos anos.

A postura dos militares diante da crise gerada durante o processo de impedimento do Presidente Collor ajudou a restabelecer a confiança do povo brasileiro nas Forças Armadas.

## Reflexos no perfil dos chefes e líderes militares

A elevação dos padrões cultural e intelectual, ocorrida no período, somada ao prestígio que as carreiras militares tiveram junto à opinião pública, trouxe para as Forças Armadas uma melhoria na qualidade do seu pessoal, marcando o fim do antigo "sargento", ignorante e malpreparado.

A crise salarial que atingiu a família militar, após 1985, afetou a confiança dos subordinados na capacidade dos chefes militares de zelarem pelas justas e merecidas condições de bem-estar e vida digna.

## NO CAMPO POLÍTICO

As mudanças ocorridas no campo político das Instituições Militares, após a Revolução de 31 de março de 1964, afetaram sensivelmente as relações entre o Poder Militar e o Estado Brasileiro. A seguir, serão analisadas aquelas que mais intensamente alteraram as relações entre carreira e profissão milita-

res, e que produziram efeitos significativos na chefia e liderança.

## O princípio da autoridade

Uma das primeiras providências tomadas pelo Presidente Castello Branco foi o restabelecimento do princípio da autoridade. Através de uma série de medidas, a disciplina e a hierarquia, bem como a harmonia nas três Forças Armadas, entre si e dentro de cada uma, foram rigidamente cumpridas. Uma delas, foi o afastamento de centenas de homens do serviço ativo. Outra, no início de 1965, atribuiu à Força Aérea a posse e operação das aeronaves de asa fixa do porta-aviões *Minas Gerais*, medida prontamente acatada pela Marinha, embora fosse contrária à opinião dos chefes da Armada.

Os casos mais graves de indisciplina foram punidos severa e exemplarmente; diferentemente de outras épocas, em que autoridades militares chegavam a pactuar pela não aplicação das sanções disciplinares, ou penas, cabíveis.

Exemplo disso, ocorreu em 1987 no episódio em que um capitão do Exército invadiu a prefeitura da cidade de Apucarana, para protestar contra os baixos salários e a falta de assistência médica adequada para seus comandados. Foi condenado a oito meses de reclusão.

## Lutas internas pelo poder

Todo golpe de estado, em que há ultrapassagem da autoridade legal constituída, tende a provocar novas rupturas na cadeia de comando da chefia de Governo.

**“O estudo das relações entre as Forças Armadas e a sociedade mostrou a tendência de atuação daquelas como ‘Poder Moderador’, especialmente para administrar crises, ao longo da História do Brasil.”**

A geração dos chefes militares da cúpula das Forças Armadas, à época dos governos militares, bem como muitos que se destacariam nas carreiras, mais adiante, sofreram forte influência dos desvios entre carreira e profissão. Exemplo: *“Cumpro-me confessar que, nesse tempo, minha visão do Exército não era alvissareira. Via o Exército dividido em greis — poderosas, fechadas e exclusivistas —, que, algumas vezes, se digladiavam, e a que a longa permanência, então consentida, no generalato, mais tornava perniciosa à instituição. Lembro-me dos grupos de Rego Barros, de Gois Monteiro, de Canrobert, de Alcio Souto e, afinal, o maior de todos, o de Zenóbio da Costa. Nesse tempo, excluindo-se as escolas, só servia na área do I Exército quem fosse especialista em “Balalaika” (como chamávamos as demonstrações de educação física ou ordem unida), desportista famoso e, assim sendo, tivesse o beneplácito do caudilho da Infantaria. Além disso, a administração do Exército era, então, um torneio de favores, em que os protegidos levavam as fatias do bolo orçamentário, conseguindo realizar grandes empreendimentos, em flagrante contraste com as carências dos militares*

*independentes. Conseqüências imediatas desse estado de coisas eram a subserviência e a bajulação largamente generalizadas.”*<sup>11</sup>

A luta interna pelo poder dentro das Forças Armadas, entre os altos chefes militares, se desenvolveu nos bastidores das sucessões presidenciais e na condução do processo revolucionário, especialmente quanto à sua duração. Alguns grupos se destacaram como os “da linha dura”, os “moderados”, os “palacianos” e os “da comunidade de informações”.

Mesmo tendo existido, após 1964, essa situação não pode ser comparada àquela anterior e, com a volta dos governos civis, praticamente desapareceu.

### Fiscalização

O estudo das relações entre as Forças Armadas e a sociedade mostrou a tendência de atuação daquelas como “Poder Moderador”, especialmente para administrar crises, ao longo da História do Brasil.

Para desempenhar esse papel sedimentou-se, no meio militar, uma certa independência com relação à fiscalização exercida pelos três poderes da República.

Essa relativa independência mudou muito, após a redemocratização do País, com a volta dos governos civis, particularmente pela ação investigadora da imprensa e pela atuação do Tribunal de Contas da União.

Internamente, a fiscalização nas Forças Armadas, após 1964, se tornou bastante rígida em todos os setores, tanto pela ajuda da

11. COSTA, Otavio. *Pequena Memória de Um Grande Homem*, pág. 164.

informática como pela necessidade de segurança interna. A autonomia e a flexibilidade que os comandantes possuíam foram bastante reduzidas.

### A participação de militares em atividades políticas

Desde o século passado, os oficiais tiveram voz ativa na política nacional, principalmente, através do Clube Militar.

Na década de 50, o Clube Militar e a Associação dos Veteranos da FEB sofreram dos males político-ideológicos.

*“Desde coronel, Castello, aliado a outros democratas, enfrentava destemidamente, o grupo ativista que comandava a chapa armada das eleições do Clube Militar, sendo mesmo um dos inspiradores dos azuis da ‘Cruzada Democrática’, que veio a ser um dos alicerces da Revolução de Março. Em 1958, para demonstrar que empunhara a bandeira da luta, aceitou candidatar-se a Presidente do Clube, sendo derrotado pelo General Justino Alves Bastos, apoiado pela chapa amarela. Mais do que o resultado das eleições, a forma com que se desenvolveram as pressões eleitorais deu-nos a medida da grave cisão que lavrava no Exército — diria Castello Branco. Nunca pensei que a pressão se aprofundasse tanto. A corrupção entrou no arraial militar, marcialmente, nada às escondidas.”*<sup>12</sup>

Durante a vigência dos governos militares, o Clube Militar limitou-se às

atividades sociais e culturais. Entretanto, com a redemocratização do País e face às inquietações causadas pelos baixos salários, não só o Clube Militar voltou a se manifestar politicamente, como surgiram, em vários Estados, associações de militares da reserva, lançando e apoiando candidatos militares nas diversas eleições.

A principal mudança ocorrida nas Forças Armadas, quanto à participação de militares em atividades políticas, foi o não envolvimento do pessoal da ativa, exceto nos processos sucessórios dos governos militares.

### Reflexos no perfil dos chefes e líderes militares

As mudanças no campo político trouxeram reflexos positivos no perfil dos chefes e líderes militares. O restabelecimento do princípio da autoridade, a limitação das disputas nas carreiras sob critérios puramente profissionais, a rigorosa fiscalização interna e o afastamento do pessoal da ativa da política partidária geraram militares estritamente profissionais, zelosos da manutenção dos princípios da hierarquia e disciplina militares. A preservação da lei e da ordem foi fortalecida com a eliminação do personalismo individual e de grupos, que existiam entre os chefes no passado.

A legitimidade de líderes voltados a profissão, fortaleceu a manutenção da legalidade, nos momentos de crise mais recentes.

12. COSTA, Otavio. *Pequena Memória de Um Grande Homem*, pág. 168.

## NO CAMPO DO MATERIAL

Conforme já foi apresentado, no cenário da época, o material bélico das três Forças Armadas era bastante ultrapassado e a produção nacional inexpressiva, o que gerava grande dependência a outros países.

Apesar das limitações impostas pela difícil situação nacional, a que o País fora levado em anos anteriores, após 1964 iniciou-se a recuperação do material bélico. As principais mudanças foram:

### Na Marinha de Guerra

A construção naval foi reiniciada, de forma modesta, em estaleiros particulares com a construção de um navio-tanque e uma série de navios-hidrográficos da classe *Paraíba* e, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, de seis pequenos navios-patrolha costeiros.

Em 1967 foram adquiridos dois contratorpedeiros *Fletcher* e incorporados vários helicópteros anti-submarino, de emprego geral e de instrução, além de renovado o armamento individual leve do Corpo de Fuzileiros Navais, que passou a ser o FAL.

Entretanto, sob o ponto de vista do reaparelhamento do Poder Naval, o fato mais importante ocorreu no fim dos anos 60 com o estabelecimento de um plano de renovação progressiva a fim de dotar a Marinha de unidades modernas.

Nesse sentido, foram firmados acordos com estaleiros alemães e ingleses para a construção de dois submarinos classe *Humaitá*, navios-varredores classe *Aratu* e seis fragatas classe *Niterói*. Foi dado um grande salto tecnológico, sobretudo no que concerne aos sistemas de armas.

Assim, a Marinha ampliou e consolidou sua entrada na era dos mísseis e ingressou no sistema computadorizado de controle tático e na propulsão por turbina a gás.

O Corpo de Fuzileiros Navais teve um reaparelhamento modesto, em função da crise econômica, e constou da aquisição de viaturas blindadas *M113* e material de artilharia de campanha, isto no ano de 1976.

Em março de 1977, o Acordo de Assistência Militar entre o Brasil e os Estados Unidos foi denunciado pelo governo Geisel. Tal fato, provocou na Marinha uma busca incessante de desenvolvimento próprio de tecnologia moderna.

Na década de 80, foram construídos novos meios flutuantes como navios-balizadores, embarcações de desembarque em assalto anfíbio, navio-faroleiro e reparado o navio-aérodromo ligeiro *Minas Gerais*.

Na mesma época, a Força Aeronaval foi contemplada com helicópteros *Lynx* para emprego embarcado nas fragatas, alguns *Wasp* de emprego geral e duas centenas de *SH 3-D* anti-submarinos.

No final da década de 80, foram incorporados computadores e equipamentos eletrônicos para tiro e navegação, projetados e desenvolvidos no Brasil, fruto da reserva de mercado imposta pelo Governo, na década de 70, para a indústria de informática.

Atualmente, é desenvolvido um projeto de pesquisa visando à construção de submarinos movidos a propulsão nuclear.

A busca de autonomia tecnológica incluiu no ânimo dos integrantes da Marinha de Guerra, pelo desafio que representa, em capacitação técnico-profissional para os seus quadros, não obstante existam grandes restrições orçamentárias.

## Na Força Aérea

Em 1965, foram adquiridos as aeronaves *Hércules C-130* e *Búfalo C-115* para emprego no transporte de tropas e apoio logístico estratégico.

Ainda nos anos 60, foram incorporados aviões *T-37* para vôo de instrução básica dos pilotos, visando à aquisição futura de uma maior quantidade de aviões de combate a jato e helicópteros *UH1D Bell* para busca e salvamento. Na mesma época, foram adquiridos radares de vigilância e aviões de interceptação *F-103 Mirage III*, visando ao controle do espaço aéreo e defesa aérea, num sistema integrado.

A criação da EMBRAER, em 1969, permitiu a nacionalização de importantes aeronaves, que dotaram a FAB nas décadas seguintes. Foram fabricadas centenas de *AT-26 Xavante* e *C-95 Bandeirante*.

No início da década de 70, foram adquiridos helicópteros *UH-1H Bell* para os Esquadrões Mistos de Reconhecimento e Ataque e *F-5 Tiger* para a aviação de caça.

Finalmente, na década de 80 foram adquiridos quatro radares móveis de vigilância, quatro *KC-127 Boeing* para transporte e reabastecimento em vôo, mais vinte e seis *F-5 Tiger*, além de construídas centenas de *AT-17 Tucano* e dezenas de *A-1 AMX*.

Houve, no período, além do reaparelhamento de aeronaves, uma significativa evolução nos projetos aeroespaciais com o desenvolvimento de vários foguetes de tecnologia nacional.

## No Exército

Em 1964, o Exército apresentava uma situação deplorável em seu material bélico.

As primeiras providências para modernizar a Força Terrestre, ainda nos anos 60, foram concentradas no armamento individual básico, com a aquisição e nacionalização dos fuzis automáticos 7,62 mm e canhões sem-recuo 57 mm e 106 mm, e nas viaturas sobre rodas especialmente de 1/4 Ton, 3/4 Ton e 2 1/2 Ton.

No início da década de 70, foram compradas viaturas blindadas para transporte de pessoal *M-113*, carros de combate *M-41* e canhões autopropulsados 105 mm *M-118*, para equiparem as Brigadas Blindadas.

A indústria bélica nacional ganhou incentivos governamentais e a ENGESA passou a fabricar modernas viaturas como o *Urutu* e o *Cascavel*, dentre outras, que equiparam as Unidades Mecanizadas e foram exportadas para vários países.

Na década de 80, apesar da crise econômica, indústrias como a BERNARDINI, ENGESA e AVIBRAS projetaram carros de combate, viaturas sobre rodas e sistemas de tiro bastante avançados e com elevada tecnologia nacional. Contudo, face às dificuldades orçamentárias, o Exército adquiriu apenas poucas unidades.

No final dos anos 80, foram incorporados dezenas de helicópteros *Pantera* e *Esquilo*, mobilizando o 1º Batalhão de Helicópteros. No mesmo período, algumas Unidades de Artilharia Antiaérea foram reaparelhadas com modernos radares, canhões automáticos e mísseis.

Após 1964, uma grande quantidade de equipamentos, de todas as classes de suprimentos, inclusive aparelhos óticos e

quase todos os tipos de munição, passaram a ser fabricados no Brasil.

Contudo, a maioria da frota de viaturas necessita ser renovada; pois, com mais de vinte anos, já apresenta uma obsolescência em bloco.

### Reflexos no perfil dos chefes e líderes militares

O aparelhamento das Forças Armadas, embora limitado, propiciou boas condições para o exercício das atividades profissionais e novos desafios às carreiras militares. Como consequência, houve uma maior motivação com reflexos positivos em todos os níveis de chefia e liderança.

### NO CAMPO DO PESSOAL

As mudanças saneadoras ocorridas nas Forças Armadas, no campo do pessoal, começaram nos primeiros meses que se seguiram à Revolução de 1964, com um duro processo de depuração dentro dos próprios quadros.

Vários chefes militares tiveram suas medalhas cassadas, centenas de profissionais foram sumariamente afastados ou reformados, caracterizando o lado penoso e triste do corte na própria carne. Nesse ponto, fica comprovado que as conquistas das carreiras militares podem ser retiradas; as da profissão não.

Contudo, as principais transformações foram implantadas pelo Presidente Castello

Branco e seus efeitos ultrapassarão os dias atuais.

*"Lembro-me de que algumas medidas iniciais do grande Presidente foram providências saneadoras do Exército. Apressava-se em estabelecer prazos máximos de permanência no generalato e no último posto, para que não fossem repetidos os erros do passado, pois, por exemplo, Cordeiro de Farias já era general da ativa há 23 anos. Além disso, fixava também, como sendo de dois anos, o tempo de serviço em função não-militar, a fim de evitar que os militares pudessem realizar carreira militar paralela, como ocorreu com vários tenentes dos anos vinte, que foram até o posto de general entreteendo mandatos de governador, de ministro e de deputado com evidente prejuízo para os verdadeiros profissionais, como a ele próprio acontecera."*<sup>13</sup>

Esta foi a mudança mais importante do presente estudo. Nenhuma outra se lhe compara nos efeitos benéficos que produziu nas relações entre carreira e profissão militares, e pelos reflexos positivos nas futuras gerações de chefes e líderes da caserna.

Essa medida, além de limitar o prazo máximo de permanência nos postos e graduações e de limitar o tempo de afastamento, estabeleceu o critério da cota compulsória de renovação entre os oficiais-generais, beneficiando os de menor idade, independentemente de outros méritos quaisquer. Com isso, embora tenha limitado as eventuais manobras e disputas no topo da hierarquia, de certa forma preferiu o valor profissional de muitos líderes a uma mera questão de data de nascimento.

13. COSTA, Otavio. *Pequena Memória de Um Grande Homem*, pág. 171.

## Reflexos no perfil dos chefes e líderes militares

As mudanças saneadoras, promovidas após 1964, fortaleceram a chefia e limitaram a liderança, pela redução do tempo de permanência nos postos mais elevados da hierarquia militar.

As mudanças evolutivas ampliaram o leque de carreiras especializadas, propiciando um aumento na liderança delegativa, cujos reflexos serão sentidos no futuro.

## NA ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

O cenário da época de 1964 mostrou que a transferência da administração para Brasília e os problemas de indisciplina e falta de autoridade desorganizaram o sistema de administração pública, inclusive na área militar.

As Forças Armadas, como organismos institucionais com vida dinâmica, passaram por profundas modificações.

As principais mudanças ocorreram com a Reforma Administrativa, promovida pelo Decreto-Lei, nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, e sua vasta legislação complementar.

Tais mudanças, retiraram a flexibilidade dos administradores na gestão dos recursos orçamentários e diminuíram as receitas geradas nas Organizações Militares, especialmente no Exército, com a extinção das granjas e armazéns reembolsáveis.

O controle das atividades da Administração, embora muito eficiente no aspecto formal, mostrou-se ineficaz quanto aos resultados e, principalmente, com relação à

moralidade administrativa, uma vez que a pouca flexibilidade normativa foi contornada com a chamada "química", artifício pelo qual se adquire um bem ou serviço, para o qual não existe recurso financeiro, simulando a aquisição de outro bem, normalmente de consumo, onde os recursos são maiores.

No campo das estruturas organizacionais, em cada Ministério Militar, as mudanças efetuadas no final dos anos 60, basicamente as aproximaram da situação atual.

De maneira geral, houve um aumento de Organizações Militares em todas as regiões do País, principalmente na Amazônia. A Força Aérea instalou Bases Aéreas em Boa Vista e Porto Velho, o Exército criou os Comandos Militares do Oeste e do Norte. A Marinha posicionou melhor seus Distritos Navais, transferindo o de Florianópolis para o Rio Grande e o de Recife para Natal, como exemplos.

Foram, ainda, criados vários Centros nas áreas de pesquisa, hospitalar e de ensino, ampliando as opções de carreiras militares e de chefia militar no campo técnico, voltadas para as atividades-meio.

## Reflexos no perfil dos chefes e líderes militares

A redução da flexibilidade dos chefes militares, na condução dos parques orçamentos financeiros, impediu a geração de bons recursos extra-orçamentários e de artigos de subsistência, que atenuavam eventuais períodos de carestia.

A prática da "química administrativa", embora necessária para a própria sobrevivência das Unidades, feriu, sutilmente,

princípios éticos da moralidade administrativa.

Esses fatos, prejudicaram a liderança na medida que *"O líder precisa saber comunicar os valores da instituição e servir de exemplo para seus liderados, através de ações coerentes com os valores que procura transmitir, pois sua credibilidade é de vital importância."*<sup>14</sup>

## CONCLUSÃO

As mudanças ocorridas nas Forças Armadas brasileiras, após a Revolução de 31 de março de 1964, reduziram os fatores de dissociação entre carreira e profissão militares.

Dentre os três fatores, que levam os militares a exercer atividades paralelas fora da profissão, um foi eliminado, outro atenuado e um persistiu às mudanças. O primeiro foi conseguido com o afastamento definitivo dos militares da ativa de atividades político-partidárias. O segundo foi parcialmente alcançado com a produção nacional e importação de novos materiais bélicos. O terceiro fator, causado pelos baixos salários, permaneceu desviando profissionais do exclusivismo que as carreiras militares exigem e, pior, minando a confiança dos subordinados nos chefes e líderes.

Embora esse último aspecto não tenha, ainda, atingido o grosso da oficialidade, devido ao elevado padrão das gerações pós 64 e à melhoria dos demais fatores, pode di-

minuir o entusiasmo profissional das próximas gerações.

De maneira geral, os reflexos causados no perfil dos chefes e líderes militares foram bastante positivos, pelo aumento do profissionalismo na mentalidade dos chefes e subordinados. A própria redemocratização do País contribuiu para fortalecer a tendência do exercício das lideranças participativa e delegativa, sem prejuízo, entretanto, dos princípios da disciplina e hierarquia, conforme atestam fatos e crises recentes.

A velocidade das mudanças, que estão ocorrendo em todo o mundo, indica a proximidade de uma nova ordem mundial em todos os campos do poder, com reflexos nas estruturas das Instituições Militares. Nesse sentido, a tendência predominante nas gerações atuais de chefes militares é capaz e se orienta, favoravelmente, para promover as alterações estruturais que se avizinham num futuro próximo, ligadas às inovações estruturais dentro das carreiras militares, direcionando-as para uma maior eficácia da profissão.

O cenário atual do Brasil é muito diferente daquele dos idos de 1964. Contudo, guarda algumas semelhanças nos campos político, econômico e social.

Talvez a principal diferença de cenários se deva ao fato de que, em nenhum outro período, na História do Brasil, as Forças Armadas estiveram tão restritas à profissão como estão atualmente.

Muitos dos líderes militares, que a história brasileira registrou, foram, na verdade, líderes políticos.

14. IP 20-10 - LIDERANÇA MILITAR - 1ª Edição 1991 - EME.

A sociedade brasileira deve tratar dos seus males com remédios apropriados e zelar pelas suas Forças Armadas como condição para sua própria sobrevivência.

O baixo padrão sócio-econômico dos militares brasileiros e a degradação do poder público nacional podem levar à "cólera das Legiões".

*"Tinhm-nos dito, no momento em que deixamos o lar paterno, ainda muito jovens, que partíamos para uma profissão de muitos sacrifícios e lutas, tantos anos de estudo e dedicação, tantas andanças pelo território nacional-*

*Pudemos verificar que tudo era verdade, e, visto que era verdade, não hesitamos em derramar nosso suor, em sacrificar nossas comodidades, nossos interesses pessoais. Não lamentamos nada, mas enquanto nos quartéis este estado de espírito nos ani-*

*ma, dizem-me que em Brasília se sucedem a corrupção e os demandas, se desenvolve a traição ao povo e que políticos, empresários e juizes, cedem com facilidade às piores tentações do abandono moral e aviltam nossa nação.*

*Não posso acreditar que tudo isso seja verdade e, no entanto, revoluções recentes mostram até que ponto podia ser pernicioso um tal estado de alma e ao que ela podia levar.*

*Suplico-te tranquiliza-me o mais breve possível e diz-me que os Poderes Constituídos da República nos compreendem, nos defendem, nos protegem como nós próprios protegemos a grandeza do Brasil.*

*Se tudo for diferente, se tivermos de deixar em vão os nossos sacrifícios sobre os ombros de nossas próprias famílias, então cuidado com a ira dos militares." □*

## O que é Imbel?

A Indústria de Material Bélico do Brasil - IMBEL é uma empresa vinculada ao Ministério do Exército, que comanda direta e imediatamente um complexo fabril responsável pela produção de diversificados produtos de emprego militar e associados.

Justificando o seu sucesso empresarial, a IMBEL mantém as suas fontes produtivas em permanente pesquisa e desenvolvimento de produtos, criando tecnologia própria, aprimorando tecnologia adquirida, promovendo o intercâmbio com fontes especializadas no desenvolvimento de material bélico, incluindo quatro empresas associadas e participações, pesquisando o mercado consumidor no Brasil e exterior.

Como resultado, a IMBEL oferece produtos de nível e competitividade internacionais.

Na linha militar da IMBEL constam: explosivos, acessórios e artefatos, cartuchos de guerra para todos os tipos de munições, propulsores para mísseis e foguetes, armamento individual de porte e portátil, aparelhos eletrônicos de comunicação em campanha, aparelho de aviação e medição de desempenho balístico, terminal portátil programável para coleta de dados através de lâmpas de código de barras ou digitação e outros itens.

A linha de produção química compreende TNT, ACX, NITROPENTA, MMX (em implantação) e suas composições, Nitrocelulose e Linter Purificada, Pólvora de Base Simples e Dupla, Dinamites, Espécies, Cordão e demais produtos corvetos.

A IMBEL - a mais antiga indústria de material bélico da América Latina é a maior fornecedora de armamentos leves para as Forças Armadas do Brasil. Por sua tradição e capacidade técnica, tem contribuído para a manutenção do País entre os mais importantes produtores e fornecedores mundiais de material de emprego militar.

Desde os produtos criados destacamos, o Fuzil Automático Leve (FAL) que juntamente com a Pistola 9mm M92, são fornecidos para as Forças Armadas do Brasil e das Nações amigas, e exportados para o mercado civil, em especial aos Estados Unidos do Américas.

A tradição e experiência da IMBEL na fabricação de produtos militares, resultou no desenvolvimento de serviços gama de produtos civis de tecnologia similar. Dada a sua amplitude de pesquisas, a IMBEL oferece produtos de qualidade superior, a partir de princípios e matérias-primas de sua produção.

A operação de rádios e ráfones de campanha, forquim, tecnologia UHF e aplicações às comunicações entre pontos de obras, redes de reparos, unidades navais, veículos de inspeção e outras situações.

Armas de caça e cunhala, de tratamento metalúrgico especial, são produtos em que a experiência de fabricação de armas militares resultou em produtos sem igual.



**Indústria de Material Bélico do Brasil - IMBEL**  
Vinculada ao Ministério do Exército

Av. das Nações Unidas, 13.797 - Bloco III - 11º andar - CEP 04794  
Tel. (011) 531-5055 - Telex: (011) 37481 (IMB) BR  
Caixa Postal 21167 - São Paulo - SP - Brasil